

Universidade de São Paulo
Instituto de Relações Internacionais



PIERRE BOURDIEU E PAULO FREIRE: UMA ABORDAGEM SOBRE EDUCAÇÃO
E ESTRUTURAÇÃO SOCIAL

Amanda Sayuri Miashiro - 9775234 (Vespertino)
Bárbara Godoy - 4352171 (Noturno)

São Paulo
1º Semestre/2017

A experiência do modo de pensar influenciado pelo modernismo no início do século XX enfrentou o último suspiro no período do pós-guerra até Maio de 1968, quando emerge a reação pós-modernista, cuja sociologia se colocava com desconfiança em relação a discursos universalizantes e grandes narrativas que tanto permearam o pensamento do período anterior. O advento da pós-modernidade foi caracterizado por um sentimento profundo de perda de fé em toda e qualquer possibilidade de emancipação humana pela razão, técnica ou ciência, reflexo de uma crise do Projeto Iluminista.

Pierre Bourdieu e Paulo Freire são pensadores que escrevem sobre a sociedade e educação nesta linha de raciocínio, em posição crítica ao discurso moderno de que o acesso a uma educação universal seria libertador ou emancipador, enxergando a escola, nos moldes tradicionais, apenas como fator de conservação e reprodução social e impeditivo de qualquer tipo de mobilidade na sociedade. A era pós-moderna que se iniciou com o espírito romântico e revolucionário de Maio de 1968, mesmo ano da publicação da “Pedagogia do Oprimido” de Freire, calçou o caminho para a sociologia contemporânea. Em busca de uma desconstrução de mitos modernos, esta é transpassada por dilemas e debates.

Nesse sentido, pode-se afirmar que Bourdieu se encontra no debate agência e estrutura, considerado por Giddens (2001) como um destes dilemas da sociologia contemporânea. O debate se dá basicamente em torno de duas posições opostas. Sociólogos como Durkheim defendem que as estruturas sociais constroem as nossas ações, estabelecendo limites à agência dos indivíduos. De outro lado, sociólogos que defendem o interacionismo simbólico argumentam que os fenômenos sociais dependem dos significados simbólicos pelos quais são revestidos, isto é, essa corrente de pensamento acredita que os indivíduos não são criaturas da sociedade, mas criadores desta.

Frente a esse debate, Bourdieu se posiciona propondo um caminho do meio para pensar o dilema estrutura e agência. Segundo ele, o estruturalismo pensa os sistemas de representações apenas como “estruturas estruturadas”, sem considerar que também são “estruturas estruturantes”, ignorando questões relativas aos processos de reprodução desses sistemas através dos agentes sociais. Bourdieu defende que as estruturas sociais exercem constrangimentos sobre as ações dos indivíduos, todavia não determinam o que fazem, pois, como seres humanos, as

peças fazem escolhas. Dessa forma, ele considera que as ações sociais são realizadas pelos indivíduos, mas que as chances de um indivíduo realizar determinada ação social dependem das estruturas introjetadas por ele, o que, por sua vez, depende da posição social que esse indivíduo ocupa na sociedade.

É a partir dessa noção de “estruturas estruturadas” e “estruturas estruturantes” que a presente reflexão se propõe a pensar o processo educacional relacionando as perspectivas de Pierre Bourdieu e Paulo Freire. Para isso, primeiro apresentaremos o conceito de *habitus* como entendido por Bourdieu e o relacionaremos com a ideia de educação bancária proposta por Freire, com o objetivo de entender como os autores enxergam a educação como instrumento de reprodução social. Em um segundo momento, apontaremos a ausência de um posicionamento de Bourdieu frente a questão de transformação social e apresentaremos as propostas de Freire nesse sentido. Por fim, pretendemos estabelecer um diálogo entre as perspectivas dos dois autores.

O *habitus* é definido por Bourdieu como um sistema de disposições duráveis, internas aos indivíduos e pré-reflexivas, que constituem estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes. O *habitus* é “estrutura estruturada” porque se manifesta em estruturas sociais pré-determinadas, entretanto, ao mesmo tempo, é “estrutura estruturante” ao comandar o processo de estruturação de novos *habitus*. A ideia por trás desse conceito é o meio caminho proposto por Bourdieu como resposta ao dilema agência e estrutura. Ao mesmo tempo em que os indivíduos estão constrangidos pelas estruturas introjetadas por eles ao longo de processos de socialização, eles também moldam a sociedade a partir das relações que estabelecem em seu interior, criando novas estruturas, novos *habitus* a serem reproduzidos na sociedade.

É nesse âmbito que Bourdieu aponta para a importância de se estudar o modo de estruturação do *habitus* através das instituições de socialização dos agentes, como a escola. Nesse sentido, os agentes pertencentes às classes dominantes na sociedade, para conservar sua posição, estabelecem uma série de instituições e de mecanismos, como a escola, que asseguram seu estado de dominação. Dessa forma, o sistema de ensino contribui para a reprodução da estrutura das relações de classe, dissimulando, sob aparências de neutralidade, o cumprimento desta função.

Através de uma pesquisa empírica sobre práticas culturais na França, Bourdieu obteve evidências de que todas as relações observadas entre a frequência ao museu e outras variáveis como a classe, a idade e a renda, reduzem-se quase que totalmente à relação entre o nível de instrução e a frequência. A partir dessas observações e de várias outras investigações apresentadas em sua obra “Economia das Trocas Simbólicas”, ele conclui que a escola, ao exigir uma familiaridade prévia com a cultura dominante para o sucesso no sistema educacional, garante a reprodução das desigualdades iniciais entre indivíduos de diferentes classes sociais, já que os indivíduos das classes dominadas, ao não ter contato no nível familiar com a cultura dominante, tendem a falhar no sistema educacional por não conseguirem oferecer o que a escola exige. Em outras palavras, a escola funcionaria como um mecanismo de reprodução social, contribuindo para a manutenção do status quo na oposição opressores e oprimidos.

O conceito de educação bancária, desenvolvido por Paulo Freire, caminha ao encontro da percepção bourdieusiana do processo educacional. Nessa concepção bancária, a oposição entre educador e educando reflete uma relação de opressão, em que o conhecimento é uma doação dos que se julgam sábios e iluminados aos que julgam nada saber; em que a educação é considerada como o ato de depositar, de transmitir valores e conhecimentos frente a ignorância, que segundo essa concepção, está sempre no outro. Essa proposta de educação pretende a passividade dos alunos que são forçados a uma situação de expectadores, não só frente ao processo de ensino, mas em sua relação com o mundo. Dessa forma, quanto mais passividade lhes é imposta, mais em lugar de transformar, os indivíduos tendem a adaptar-se ao mundo que lhes é apresentado como fixo pela classe beneficiada pelo status quo. Assim, a visão bancária anula o poder criador dos educandos, estimulando sua ingenuidade ao invés de sua criatividade, o que garante os interesses dos opressores de conservação das estruturas sociais.

Fica evidente como, por meio de argumentos e conceitos distintos, Freire e Bourdieu chegam a conclusão de que a educação funciona como um instrumento de reprodução das estruturas sociais. Frente a isso, Bourdieu recebe críticas por não abordar a questão da transformação social ao longo de suas reflexões. Paulo Freire, por sua vez, se propõe a fazê-lo e apresenta um novo conceito, o de educação libertadora. A educação libertadora percebe o processo de desumanização pelo qual passaram oprimidos e opressores, os primeiros porque são vistos apenas

como “potes vazios” e passivos, e os últimos porque perdem a humanidade quando violentam os demais e fazem uso da opressão.

A oposição estabelecida pela educação bancária entre educador e educando é vista como **contraditória**, assim, Freire propõe um **impulso conciliador** de forma que ambos sejam educador e educando simultaneamente. Uma pedagogia libertadora, não *para* o oprimido, mas *dele*, depende de uma **reflexão e ação dos homens sobre a realidade de opressão e suas causas, uma reflexão sobre o mundo para poder transformá-lo**. A educação bancária, educação como prática de dominação, mantém a ingenuidade e acomodação dos educandos frente ao mundo, servindo aos interesses da classe dominante, os opressores que pretendem a **manutenção do status quo**. A educação que problematiza quebra a oposição entre educadores e educandos a partir de uma inserção crítica, de uma abordagem dialógica e uma reflexão sobre o seu lugar no mundo como forma de emancipação humana.

Ao propor a reflexão sobre o processo educacional sob a ótica bourdieusiana e freiriana, percebe-se uma **conexão** importante entre os perspectivas dos dois autores e desenvolvem-se novas relações entre eles, que podem se colocar como uma **alternativa para o espaço deixado por Bourdieu no que diz respeito à mudança social**. O processo de emancipação humana pela educação libertadora descrito por Paulo Freire, que pode ser lido como uma real transformação social, está na **percepção do indivíduo de que a estrutura estruturada também é estrutura estruturante, e portanto, o *habitus* carrega em si mesmo potencialmente a semente da mudança**. O adubo para a germinação desta semente seria a **reflexão** feita pelos indivíduos que compõem a sociedade de que eles não são somente espectadores do processo, mas agentes potencialmente transformadores, se permitirem-se refletir sobre seu lugar no mundo, questionar as opressões que sofrem e sua própria existência. Por fim, conclui-se que a **chave para a transformação social estaria em modificar o aspecto “pré-reflexivo” inerente ao *habitus* através da reflexão** sobre o mundo, suas estruturas sociais e o lugar que se ocupa, como é proposto pela educação libertadora. Ou nas palavras de Paulo Freire: “Nenhuma “ordem” opressora suportaria que os oprimidos todos passassem a dizer: “Por quê?”



BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. Condição de Classe e Posição de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Cap. 1. p. 3-26.

BOURDIEU, Pierre. Reprodução Cultural e Reprodução Social. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. Cap. 7. p. 295-336.

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996. Cap. 1. p. 13-34.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. **A Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Cap. 21. p. 666-676.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993. Cap 3. p. 45-67.

LÖWY, Michael. **O romantismo revolucionário dos movimentos de maio**. In Margem Esquerda, nº 11. São Paulo: Boitempo, 2008.

ORTIZ, Renato. **A procura de uma sociologia da prática**. In: BOURDIEU, Pierre. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-37.